

## 4

**Lobo Antunes: o intelectual entre a ficção e os seus testemunhos**

[...] não se foge de Angola, só demasiado tarde compreendi que não se foge de Angola, [...]  
(António Lobo Antunes, *Boa tarde às coisas aqui em baixo*)<sup>215</sup>

Aquele que impõe a sua ordem ao seu caos é um autor.  
Um autor é um demiurgo. Há poucos autores.  
António Lobo Antunes é um autor.  
(Tereza Coelho, *António Lobo Antunes: fotobiografia*)<sup>216</sup>

O que quero é pôr a vida inteira entre as capas de um livro.  
(António Lobo Antunes. Entrevista concedida à revista *EntreLivros*)<sup>217</sup>

A tensão promovida na ficção de António Lobo Antunes nos revela que por detrás dessa escrita fascinante há um escritor, enquanto intelectual, que sente a necessidade de questionar o mundo, denunciando o descumprimento de valores ideológicos construídos demagogicamente. Por meio da sua escrita mordaz, esse autor português se move ativamente na sua sociedade, borrando, na sua ficção, os quadros descritos pelas ficções oficiais. Ao promover nas suas narrativas versões distintas das que foram ou são fornecidas pelo Estado, Lobo Antunes viabiliza em seu projeto ficcional o registro da mudança do tom oficial. O crítico argentino Ricardo Piglia diz que “[...] el intelectual, el letrado, enfrenta al Estado, hace ver que el Estado está construyendo un relato falso de los hechos. Y para construir esa contrarrealidad, registra las versiones antagónicas, sale a buscar la verdad en otras versiones, en otras voces.”<sup>218</sup>

Apontar uma contra-realidade em relação ao discurso oficial é uma marca do fazer literário de António Lobo Antunes, desde o lançamento dos seus primeiros livros *Memória de Elefante* (1979), *Os Cus de Judas* (1979) e

<sup>215</sup> ANTUNES, António Lobo. *Boa tarde às coisas aqui em baixo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003, p. 27.

<sup>216</sup> COELHO, Tereza. *António Lobo Antunes: Fotobiografia*. Lisboa: Dom Quixote, 2004, p. 14.

<sup>217</sup> ANTUNES, António Lobo. “Entrevista: Lobo Antunes”. In: *EntreLivros*. Nº. 32. Pinheiros, SP: Segmento e Ediouro, 2007, p. 16.

<sup>218</sup> PIGLIA, Ricardo. *Tres propuestas para el próximo milenio (y cinco dificultades)*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2001, p. 28.

*Conhecimento do Inferno* (1980) que, mesmo apresentando densa carga autobiográfica, contribuem para o escritor dar a conhecer os outros ângulos de verdade que a guerra colonial produziu entre os portugueses e o solo angolano, como mostram os fragmentos dos romances que se seguem:

Que sabe este tipo de África, interrogou-se o psiquiatra à medida que o outro, padeira de Aljubarrota do patriotismo à Legião, se afastava em gritinhos indignados prometendo reservar-lhe um candeeiro da avenida, que sabe este caramelo de cinquenta anos de guerra de África onde não morreu nem viu morrer, que sabe este cretino dos administradores de posto que enterravam cubos de gelo no ânus dos negros que lhes desagradavam, que sabe este parvo da angústia de ter de escolher entre o exílio despaisado e a absurda estupidez dos tiros sem razão, que sabe este animal das bombas de napalm, das raparigas grávidas espancadas pela Pide, das minas a florirem sob as rodas das camionetas em cogumelos de fogo, da saudade, do medo, da raiva, da solidão, do desespero? [...] Que sabe este palerma de África, interrogou-se o psiquiatra, para além dos cínicos e imbecis argumentos obstinados da Acção Nacional Popular e dos discursos de seminário das botas mentais do Salazar, [...] que sei eu que durante vinte e sete meses morei na angústia do arame farpado por conta das multinacionais, vi a minha mulher a quase morrer do falciparum, [...] fiz uma filha na Malanje dos diamantes, [...] parti e regresssei com a casca de um uniforme imposta no corpo, que sei eu de África?<sup>219</sup>

Quem veio aqui não consegue voltar o mesmo, [...] a guerra tornou-nos em bichos, percebe, bichos cruéis e estúpidos ensinados a matar, [...] masturbávamos-nos e disparávamos, o mundo-que-o-português-criou são estes luchazes côncavos de fome que não entendem a língua, a doença do sono, o paludismo, a amibíase, a miséria, [...] queria estar a treze mil quilómetros dali, a vigiar o sono da minha filha nos panos do seu berço, queria não ter nascido para assistir àquilo, à idiota e colossal inutilidade daquilo, [...] Trazemos o sangue limpo, Isabel: as análises não acusam os negros a abrirem a cova para o tiro da Pide, nem o homem enforcado pelo inspetor na Chiquita, [...] Trazemos o sangue tão limpo como o dos generais nos gabinetes com ar condicionado de Luanda, deslocando pontos coloridos no mapa de Angola, tão limpo como o dos cavalheiros que enriqueciam traficando helicópteros e armas em Lisboa, a guerra é nos cus de Judas, [...] a guerra são pontos coloridos no mapa de Angola e as populações humilhadas, transidas de fome no arame, [...]<sup>220</sup>

Foi em África, no país dos Luchazes, que eu soube que em Lisboa não existia a noite. [...] O país dos Luchazes, quase despovoado de árvores, é um país de leprosos e de trevas [...] encontrei amigos entre os pobres negros da PIDE<sup>221</sup>, Chinóia Camanga, Machai, Miúdo Malassa, os chefes da tropa laica que a PIDE arregimentara para combater os guerrilheiros, e que saíam para a mata ao alvorecer a fim de lutar contra o MPLA e a UNITA, silenciosos e rápidos como animais de

<sup>219</sup> ANTUNES, António Lobo. *Memória de Elefante*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006, p. 42 – 44.

<sup>220</sup> ANTUNES, António Lobo. *Os cus de Judas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007, p. 123; 162; 188.

<sup>221</sup> Os “pobres negros da Pide” mencionados neste romance de Lobo Antunes se referem aos *Flechas* de Angola destacados pelo escritor Borges Coelho no artigo: “Da violência colonial ordenada à ordem pós-colonial violenta”, p. 185. De acordo com Borges Coelho, os *Flechas* são angolanos que integravam a tropa africana privativa da Pide. Disponível em <http://www.lusotopie.sciencespo-bordeaux.fr/borges2003.pdf> Acesso em 17 de janeiro de 2008.

sombra. Eram homens corajosos e altivos enganados por uma propaganda perversa, pelas garantias cruéis, pelas promessas mentirosas do regime, [...]”<sup>222</sup>

A promoção da discussão e da reflexão acerca de relatos omitidos na história oficial é uma postura que atravessa a longa produção literária de Lobo Antunes, como examinamos nesta dissertação ao longo do desenvolvimento dos seus capítulos.

Vimos no capítulo destinado à leitura do romance *As naus* (1988) o modo como o escritor desfaz a mistificação imperial de que o governo de Salazar e, posteriormente, de Marcelo Caetano faziam uso na sua continuidade ao longo do Estado Novo. Em seguida, lemos no romance *Boa tarde às coisas aqui em baixo* (2003) por meio das vozes de Seabra, de Miguéis, de Marina e dos demais personagens, as versões que formavam imagens corruptas de um sistema pós-colonial degradado.

Tanto n’*As naus* como em *Boa tarde às coisas aqui em baixo* há a encenação veemente da falência dos mitos modernos e da África como tema e problema português. Percebemos claramente nos seus romances como na raiz da identidade portuguesa a ramificação africana é de longa extensão.

Como consideram as professoras Rita Chaves e Tânia Macedo, no artigo “Caminhos da ficção da África portuguesa”,

A inconsistência do projeto de colonização, o próprio atraso da metrópole e o prolongamento da empresa colonial estão na origem das difíceis condições de vida em Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe<sup>223</sup>.

Como concluiu David Robertson, “África torna-se um espelho que reflecte a face silenciosa e sem disfarce de Portugal.”<sup>224</sup> Os romances de António Lobo Antunes não nos deixam nenhuma dúvida acerca destas afirmativas.

Isento, portanto, da capa nacionalista de ser português, Lobo Antunes focaliza nos seus enredos a brutalidade da guerra colonial e os seus vestígios pela

<sup>222</sup> ANTUNES, António Lobo. *Conhecimento do Inferno*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006, p.17 - 18.

<sup>223</sup> CHAVES, Rita & MACEDO, Tânia. “Caminhos da ficção da África portuguesa”. In: *EntreLivros - Vozes da África / Revista Biblioteca*. Edição especial nº. 6. Pinheiros, SP: Segmento e Ediouro, 2007, p.44.

<sup>224</sup> ROBERTSON, David apud Margarida Calafate Ribeiro. In: *Uma história de regressos: império, guerra colonial e pós-colonialismo*. Porto: Edições Afrontamento, 2004, p. 12.

história mais recente de Angola. É a exposição clara e legível do mal que o colonialismo causou a esse território africano.

Os recursos estéticos desenvolvidos por Lobo Antunes em alguns aspectos se aproximam da literatura pós-colonial promovida por determinados escritores angolanos da contemporaneidade, como a produção de textos que violam a norma tradicional da escrita europeia, com o uso freqüente de neologismos e empréstimos de vocábulos pertencentes ao universo lingüístico africano, o que parece oferecer mais amplitude à representação dos dilemas angolanos. Lobo Antunes traça, em sua ficção, as condições contemporâneas de portugueses e angolanos incluindo, neste processo, história e as culturas portuguesa e angolana, mutiladas pela opressão colonial.

Tomando, ainda, a reflexão da professora Rita Chaves ao comentar sobre o que pode acontecer quando travamos algum contato com o território africano, verificamos que “conhecer a África é, sem dúvida, abrir os olhos a matrizes que nos compõem, que interferem em nosso modo de ser, em nossa forma de estar no mundo”<sup>225</sup>. Não há dúvida de que António Lobo Antunes é um excelente exemplo de que conhecer a África implica mudanças internas. Como bem enfatiza a epígrafe do romance *Boa tarde às coisas aqui em baixo*, destacada no início do capítulo, na voz do personagem Seabra: “[...] não se foge de Angola, só demasiado tarde compreendi que não se foge de Angola, [...]”<sup>226</sup>.

As palavras, por vezes, não conseguem exprimir a profunda angústia do escritor diante da memória da guerra, por mais que Lobo Antunes seja cauteloso na escolha milimétrica de cada vocábulo, há momentos na sua obra que parece que o trauma da memória da guerra leva à compulsão de narrar, destacando o entrelaçamento da experiência do autor com a sua escrita. “Proibo que me tirem radiografias para que as árvores de África não apareçam a tremer na película”<sup>227</sup> o escritor afirma na crônica “Uma festa no teu cabelo”. Há, ainda, o *grito* que o autor não consegue soltar devagar, expresso em palavras na crônica “Emília e uma noites”:

<sup>225</sup> CHAVES, Rita. *Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2005, p. 13.

<sup>226</sup> ANTUNES, António Lobo. *Boa tarde às coisas aqui em baixo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003, p. 27.

<sup>227</sup> ANTUNES, António Lobo. “Uma festa no teu cabelo”. In: *Segundo Livro de Crônicas*. Lisboa: Dom Quixote, 2004, p. 217.

Esta crónica era para ser outra coisa mas sucede que de repente, ao principiar a escrever, Angola me veio com toda a força ao corpo. [...] porque é insuportável sentir que Angola me veio com toda a força ao corpo. [...] custa muito, e o Macaco, o condutor, acaba de morrer de uma mina no Ninda: o Ernesto Melo Antunes estava lá e lembra-se. [...] não escrevo a palavra escrevo só que Angola me veio com toda a força ao corpo e eu acuso a guerra de ter mudado a minha vida. Percebam: eu não merecia aquilo. [...] Como não mereço isto hoje dia 1 de setembro, dia dos meus anos em que Angola me veio com toda a força ao corpo. [...] ia dar-vos uma crónica chamada Emília e uma noites: pensei nela, tinha-a mais ou menos na cabeça

(tanto quanto se pode ter um texto na cabeça visto que depois o texto toma conta da cabeça e faz-se conforme ele, texto, entende)

[...] agradeço-vos a pachorra de aturarem por tabela Angola com toda a força no meu corpo. Para mais isto deve estar uma porcaria porque nunca na vida escrevi nada tão depressa. Mas agora pergunto: será que se consegue soltar um grito devagar?<sup>228</sup>

Veiculando informação com a experiência nos seus escritos, Lobo Antunes encontra apoio na declaração de Piglia ao afirmar que há semelhança entre a estrutura da vida e da escrita:

La escritura es una de las experiencias más intensas que conozco. La más intensa, pienso a veces. Es una experiencia con la pasión y por lo tanto tiene la misma estructura de la vida. No son muy diferentes la vida y la literatura.<sup>229</sup>

Mesmo revelando-se com a sua escrita, Lobo Antunes fala para alguém e por meio da sua obra poderá influenciar necessariamente a concepção da vida e o olhar sobre os outros, pois o escritor fala de acontecimentos recentes, ainda próximos, muitas vezes presentes na história viva das sociedades. Daí, este escritor português ter, assim, um comprometimento ético traçado por ele em relação a sua particular reflexão diante dos problemas da realidade. Lobo Antunes não deixa passar despercebido seu posicionamento ideológico em relação ao sistema político português, sem jamais adotar um tom panfletário na pretensão de ser o representante de um determinado grupo político, porque o escritor, ao intervir na *realidade*, o faz a partir do comprometimento ético estabelecido por ele próprio em relação à *verdade* do que escreve, não saindo em defesa de qualquer sistema ou núcleo específico como sendo o seu representante.

Lobo Antunes, como intelectual, consegue, através da autonomia do seu pensamento, intervir na sociedade por simplesmente instigar à reflexão ou

<sup>228</sup> ANTUNES, António Lobo. “Emília e uma noites”. In: *Livro de Crônicas: obra completa – Edição ne varietur*. Lisboa: Dom Quixote, 2006, p. 217 – 219.

<sup>229</sup> PIGLIA, Ricardo. *Crítica y ficción*. Buenos Aires: Editorial Planeta Argentina S.A.I.C / Seix Barral, 2000, p. 18.

produzir no outro ações em relação à sua própria realidade, sempre por meio da ficção. Nesse sentido, Blanchot afirma que:

El intelectual no es un puro teórico, está entre la teoría y la práctica. Hace públicas declaraciones, discute y se agita cuando, en algunos casos concretos, le parece que la justicia está siendo puesta en entredicho o amenazada por instancias superiores.<sup>230</sup>

Pautando-se nas declarações de Blanchot, o escritor, enquanto intelectual, deve ter um comprometimento com a realidade para que possa intervir nela com a ética da *verdade* (concepção particular de cada autor), já que o intelectual fala da justiça, do direito, da lei, e, fundamentalmente questiona os sistemas social e político, quando estes apresentam falhas éticas com os ideais anteriormente propagados.

Portanto, jamais se colocando numa *torre de marfim*, Lobo Antunes assume um comportamento de verdadeiro intelectual, tomando a concepção de Sartre, ao revelar para a sociedade, por meio das suas narrativas, as angústias dos indivíduos geradas pelas políticas imperialistas, destacando, de certo modo, o seu posicionamento ideológico em relação às circunstâncias sociais portuguesas.

Com a obra de Lobo Antunes nos deparamos “com uma verdade inteira e não meia-verdade”<sup>231</sup>. É como se destaca na crônica “Receita para me lerem” sobre as narrativas do escritor: “sai caro buscar uma mentira e encontrar uma verdade.”<sup>232</sup>

A versatilidade e a autonomia da crítica deste escritor português refletem o comprometimento ético traçado por ele em relação a sua particular reflexão sobre questões contemporâneas. As suas obras revelam rupturas com valores sociais e culturais arraigados na sociedade portuguesa. Rupturas que nos transportam para o passado mais remoto ou mais recente destas sociedades que até há pouco ainda se encontravam entrelaçadas com os vestígios e as cicatrizes de um sistema cultural e político colonial. São as artes narrativas que condensam os sentimentos e as motivações que movem os indivíduos ao longo dos séculos. Como afirmou

<sup>230</sup> BLANCHOT, Maurice. *Los intelectuales en cuestión*. Tours: Farrago, 2000, p.60.

<sup>231</sup> ANDRESEN, Sophia de Melo Breyner. *Poemas escolhidos*; organização Vilma Arêas. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 230.

<sup>232</sup> ANTUNES, António Lobo. “Receita para me lerem”. In: *Segundo Livro de Crônicas*. Lisboa: Dom Quixote, 2002, p. 110.

Eduardo Lourenço, conseguimos na obra de Lobo Antunes reconhecer “as experiências fundamentais da existência humana”.<sup>233</sup>

Trata-se, em nossa opinião, de uma escrita de caráter universal que, ao destacar questões referentes a Portugal, aponta tanto para o solo português quanto para o angolano. Desta forma, o autor acaba trazendo à luz problemas que atingem um universo maior do que os que tocam apenas Angola e Portugal, uma vez que é a partir das conturbações e do dilaceramento do indivíduo diante das mazelas apresentadas pelo mundo contemporâneo e da sua própria realidade que o escritor vai tecendo as suas narrativas.

Como um intelectual da pós-modernidade, Lobo Antunes enxerga o seu texto como um objeto que não mais lhe pertence a partir do momento que se materializa. Daí, sua narrativa não ser do singular, mesmo quando ocorre o entrelaçamento das experiências do autor na suas ficções. Não há apropriação do texto porque ele se situa no “intercurso infinitivo dos códigos, e não nos termos de uma atividade pessoal do autor”.<sup>234</sup> Corroborando assim com a proposição de Certeau quando afirma que “a origem não é mais aquilo que se narra, mas a atividade multiforme e murmurante de produtos do texto e de produzir a sociedade como texto”.<sup>235</sup>

A intervenção na realidade social é fundamental para que um escritor desempenhe eticamente a sua função de intelectual na sociedade que representa. Não importa em que perfil de intelectual ele se enquadre, pois importante é que se utilize da palavra e do pensamento para registrar e produzir efeitos reais em quem a lê. Sem dúvida, António Lobo Antunes promove em sua escrita um novo modo de ler a história, a literatura e as engrenagens políticas e sociais portuguesas.

Levando em consideração que as transformações dos valores sociais e ideológicos das sociedades ao longo dos anos exigiram a reformulação acerca do lugar e da representação do intelectual na sociedade atual, Maurice Blanchot, em *Los Intelectuales en cuestión*, afirma: “Naturalmente que, según los tiempos (y los siglos), el poder, la justificación y las definición de los intelectuales cambian.”<sup>236</sup>

<sup>233</sup> LOURENÇO, Eduardo. “Divagação em torno de Lobo Antunes”. In: *A escrita e o mundo em António Lobo Antunes. Actas do Colóquio Internacional da Universidade de Évora*. Lisboa: Dom Quixote, 2003, p. 350.

<sup>234</sup> BARTHES, Roland. *Inéditos, I: teoria*. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 289.

<sup>235</sup> CERTEAU, Michel de. *A invenção do Cotidiano: artes de fazer*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994, p. 224.

<sup>236</sup> BLANCHOT, Maurice. *Los intelectuales en cuestión*. Tours: Farrago, 2000, p.60.

Daí, tentar enquadrar Lobo Antunes em apenas um perfil de intelectual é uma tarefa difícil, pois vivemos em uma sociedade híbrida, de diversidades culturais, políticas e econômicas. Muitas são, portanto, as configurações de intelectuais que também se apresentam a esses representantes das sociedades contemporâneas.

No entanto, podemos afirmar que o escritor português encontra na sua prosa o caminho para compartilhar os desdobramentos de uma vida concreta, assim como a escritora Sophia de Mello Breyner Andresen via na expressão poética o espaço para interagir com o mundo. Certa vez, a poetisa disse: “a poesia é a minha explicação com o universo, a minha convivência com as coisas, a minha participação no real, o meu encontro com as vozes e com as imagens.”<sup>237</sup>

Dar a ver a realidade era para Sophia de Mello Breyner Andresen uma obrigação moral do poeta. Sendo ela, uma das vozes mais representativas do lirismo português do pós-guerra, a linguagem formal, mas melodiosa, da poética interpelativa desta escritora tenta estabelecer uma relação justa e ética do homem com a realidade, tentando restaurar a integridade entre o indivíduo e a sociedade. Lobo Antunes, por sua vez, ao dar a ver a realidade por meio de sua ficção, revela conflitos e tensões diversas representando “a vida como um combate no interior dela própria, como um combate feroz, sem fim e sem saída. Mas não se limita a isso.”<sup>238</sup>, afirma Eduardo Lourenço.

O amplo reconhecimento crítico da produção ficcional desse autor tem lhe rendido prêmios de grande importância literária como os recentes **Camões** de 2007 e o prêmio **Ibero-americano de Letras José Donoso**, em 2006, tendo o júri da Universidade Chilena de Talca destacado que “Lobo Antunes faz uma crítica forte à identidade portuguesa, não isenta, no entanto, de amor ao seu país e capta com profundidade e originalidade o papel das culturas periféricas no mundo contemporâneo”<sup>239</sup>.

As sensações e os estados de ânimo que permeiam a prosa de Lobo Antunes refletem as distintas faces do humano. Seus romances são como *organismos vivos* onde o autor é um sujeito fragmentado entre as linhas escritas,

<sup>237</sup> ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. *Poemas escolhidos*. Org. Vilma Arêas. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p.189.

<sup>238</sup> LOURENÇO, Eduardo. “Divagação em torno de Lobo Antunes”. In: *A escrita e o mundo em António Lobo Antunes. Actas do Colóquio Internacional da Universidade de Évora*. Lisboa: Dom Quixote, 2003, p. 354.

<sup>239</sup> Disponível em: <http://www.rtp.pt/index.php?article=254349&visual=6>. Acesso em 12 de outubro de 2006.

permitindo assim, que o texto se mova, se multiplique, se mexa, fora do controle do escritor<sup>240</sup>. “Em cada ponto se é possível suplementar algo mais. Algo de novo sempre pode brotar mais tarde nos interstícios do tecido, do texto”<sup>241</sup>. São narrativas plurais e ambivalentes que põem em cena, no palco de cada romance, as diferenciadas realidades humanas. Rever as nossas leituras acerca do mundo é uma das chaves que a obra de António Lobo Antunes oferece.

---

<sup>240</sup> BARTHES, Roland. *Inéditos, I: teoria*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

<sup>241</sup> *Ibidem*. p. 257.